

Haroldo nasceu num 26 de fevereiro, na Vila Nova Restinga. Maria da Glória, sua mãe, ainda tentou aproveitar aquele último dia de carnaval, mas, quando saía para a rua, as dores começaram. Maria da Glória teve de se conformar. Perdeu o baile, mas ganhou Haroldo, nome emprestado de um galã de fotonovela.

Haroldo cresceu com uma grande dúvida: quem foi se pai? Quando completou três anos, Maria da Glória chamou o filho e disse:

- Ô Haroldo, teu pai deve ser o Orfelino. Teus olhos são esgazeados como os dele.

No dia seguinte, Haroldo foi até o bar do Orfelino e ficou mais de dez minutos admirando aquele estranho.

Quando fez sete anos, Haroldo notou que as pontas de sua orelha eram parecidas com as do Mané. Por outro lado, seu cabelo era exatamente como o do Aristide. Foi perguntar para a mãe, que respondeu:

- O Aristide ? Impossível. Mas o Mané...talvez. É difícil se lembrar depois de tanto tempo.

Um tempo depois, apareceu na Vila um padre. Haroldo gostava de ouvi-lo falar de um lugar lindo, em que todos os pobres se reuniriam mais tarde. Certo dia, entretanto, teve a maior desilusão de sua vida. O padre falou que deveríamos amar a Deus como a um pai. Haroldo levantou-se e mandou Deus para a puta-que-o-pariu.

Quando Maria da Glória, certa de que o seu tempo já passara, teve o seu nono filho, decidiu mandar os mais velhos pro mundo. Reuniu a filharada que ainda vivia com ela ( três já tinham ido embora ) e falou :

- Ô seus moleque. Tá na hora de arranjarem o que fazer. Já cansei de dar comidinha na boca.

Rosalva foi morar com a sua irmã Dorotéia numa pensão da Júlio de Castilhos. Armando decidiu ser cobrador de ônibus, a exemplo da maioria de seus amigos. Haroldo, como não sabia contar, foi ser engraxate, junto com seu irmão Irineu.

Numa tarde ventosa de primavera, Haroldo engraxou o sapato de um homem de óculos. Esse homem falou para Haroldo que, se ele quisesse, poderia dar um jeito na vida. O homem levou Haroldo até a sua casa, onde o apresentou a vários outros meninos.

- Molecada, esse aqui é o Haroldo. É o novo companheiro de vocês. Tenho certeza que vão ser amigos dele.

Um dos guris, que parecia ser o mais velho do bando, falou:

- Aposto que ele não corre tanto como o Rogério.

O homem de óculos respondeu:

- Paciência, o Rogério não vai aparecer mais. A seguir, olhou para cada um dos guris e disse:

- Vocês já sabem o que acontece quando pegam vocês.

Haroldo aprendeu rápido. Ficava na porta do Mercado Público, perto da banca de peixe. Quando notava uma bolsa mais fácil, fazia um sinal pro Dedeu e pro João, agarrava a bolsa e saía correndo. Mais fácil que engraxar sapatos.

Com treze anos, Haroldo já era marmanjo demais para aquele serviço. O homem de óculos promoveu-o e deu-lhe um canivete alemão. Haroldo aprendeu a manejá-lo, muito embora só o usasse em casos de extrema necessidade. Passou a trabalhar de noite, trocando a multidão e a correria pela fala mansa e persuasiva.

Depois de realizar nove assaltos sem derramar uma gota de sangue, o homem de óculos recompensou Haroldo com uma 22, cano curto.

Quando fez vinte anos, o homem de óculos tirou a 22 de Haroldo:

- Tu não podes mais andar com esse brinquedinho.

Haroldo passou a andar com um 38.

Na festa de sua maioridade, Haroldo reuniu os amigos. Lá pelas três da madrugada, Estêvão fez um brinde ao pai de Haroldo. Haroldo tirou o canivete e encostou-o no pescoço de Estêvão:

- Tá me gozando, filha-da-puta ?

- Que é isso, Haroldo... ?, respondeu Estêvão.

- Vai ter que pedir desculpas.

- Tá pedido.

Às seis da manhã, Haroldo decidiu visitar sua mãe, que não via há uns dois meses. Estêvão, para provar a sua amizade, roubou um carro e levou Haroldo até a Restinga.

Quando chegaram lá, Orfelino estava abrindo o bar. Haroldo entrou e pediu uma caninha. Orfelino pediu o dinheiro antes.

Haroldo tirou o canivete e falou, voz mansa :

- Me dá essa caninha senão te corto.

Orfelino tentou fugir, mas Haroldo foi mais rápido e encostou o canivete na garganta do outro.

- Minha mãe disse que tu era meu pai. Tu é ?

Orfelino, tremendo, respondeu.

- Não sei. Por Deus que não sei.

Haroldo guardou o canivete e puxou o 38. Enfiou todo o cano para dentro da boca de Orfelino.

- Fala, desgraçado. Tu é meu pai ?

Orfelino não conseguia falar. Teve um acesso de vômitos. Haroldo limpou o cano todo babado e recolocou a arma na cintura. Chamou Estêvão, e saíram do bar.

Haroldo bateu na porta da casa de sua mãe. Maria da Glória, olheiras nos olhos, abriu a porta. Haroldo olhou para dentro. Na cama, roncava um homem que não conhecia. Do outro lado do barraco, no berço que fora dele, dormia um bebê.

Haroldo abraçou a mãe. Depois, foi até o berço e perguntou:

- Como é o nome dele ?

- Ricardo, respondeu Maria da Glória.

Haroldo olhou para o homem que roncava.

- É o pai ?

- Não sei, respondeu Maria da Glória.

Haroldo olhou para o bebê

- Pensei que ainda faltavam uns dois meses.

- Eu também, disse Maria da Glória.

Haroldo tirou o 38. Com o cano, fez cosquinha na bochecha do bebê, que acordou assustado. Maria da Glória ficou com medo:

- Isso não é coisa direita, filho. Guarda essa coisa.

Haroldo ficou mais algum tempo apontando a arma para o seu pequeno irmão. Depois, beijou a mãe e guardou o 38. Quando saiu, o homem ainda roncava.

---